

EDIFÍCIO CASARÃO

Famílias ocupam prédio há um ano

As 300 famílias do Movimento Sem Casa (MSC) celebram hoje, 5, um ano de ocupação do Casarão do Parque com o misto de emoções entre a positividade da esperança e o suplício da incerteza ante a determinação judicial que obrigou o município a disponibilizar um lugar digno e conceder auxílio moradia a todos no prazo de três dias. Ainda não notificada da decisão liminar até o final da manhã de ontem, 4, a Secretaria Municipal da Família e da Assistência Social (Semfas), através da assessoria de Comunicação, informou que aguarda a notificação para então analisar o conteúdo da decisão e adotar as providências necessárias.

Ao ressaltar o avanço na busca por solucionar uma situação que se arrasta desde o ano passado, a coordenadora do MSC, Eulina Santos, fala sobre a alegria com a notícia da determinação judicial e sobre o anseio dos moradores. "Foi bom porque vimos uma resposta da Justiça ao nosso pedido, pois a gente só que uma casa para morar e tem muita casa fechada nos bairros Lamarão, Porto Dantas e 17 de Março, que estão fechadas e não foram entregues. A nossa prioridade aqui é uma casa para todo mundo, mas diante das faltas de estrutura do prédio e também se, de fato, a prefeitura der o auxílio moradia durante o tempo



André Moreira



Divulgação

MAIOR DESEJO das pessoas que ocupam o edifício Casarão do Parque é poder morar em uma casa própria

até que a todos ganhem uma casa será muito bom. Temos crianças, idosos, pessoas com deficiência que não podem ficar em qualquer lugar. Por isso, não sairemos daqui para galpões, porque não dá. Queremos o auxílio, mas até que tenhamos a nossa casa própria", disse Eulina Santos.

Resistente à saída do prédio para o recebimento do auxílio moradia, a catadora de materiais recicláveis Usleide de Oliveira Santos aponta a deficiência do benefício concedido pela prefeitura. "Eles pagam três meses e depois atrasam tudo. Sabemos que

não tem como ficar no prédio, pois não há condições de estrutura, está tudo rachado lá dentro. Meus filhos estão distantes de mim, não moram comigo, porque tenho medo de trazê-los para cá. A gente que a nossa casa, não quero sair daqui para receber um auxílio moradia que depois vai deixar de ser pago", afirmou.

De acordo com o também catador de materiais recicláveis Francisco dos Santos Ferreira, a solução para todas as famílias é a entrega das chaves da casa própria, algo que ainda está distante de acontecer. "Tem gente que

está morando no prédio há seis anos e nunca recebeu visita de ninguém da prefeitura. Desde que chegamos nunca teve ninguém aqui para perguntar nada sobre como estamos, mas eles sabem da existência dessa ocupação aqui e não fizeram nada. Por isso, acho que ainda vai demorar. Todos que moram aqui estão porque precisam, pois não têm onde morar. São trabalhadores que desejam ter a sua casa, mas não têm como comprar. A gente só quer sair daqui se for uma coisa certa, pois não vai dá para ficar na praça", destacou Francisco.